



Diversidade temática da bioética: desafios e proposições

Thematic Diversity of Bioethics: Challenges and Propositions



Autor

Mário Antonio Sanches

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

m.sanches@pucpr.br



Resumo

A bioética acolhe uma diversidade de perspectivas internas e, como se enfatiza neste artigo, boa parte desta diversidade decorre da ampla gama de questões estudadas. O objetivo é analisar a bioética a partir de suas questões cruciais. Demonstra-se que as questões e desafios vão sendo propostos em variados contextos históricos e sociais, abordando pesquisas com seres humanos, o desenvolvimento técnico-científico, os conflitos na assistência biomédica, o avanço da pesquisa em biologia — especialmente a genética —, a exclusão de pessoas e grupos vulneráveis da assistência sanitária e social, bem como a inquietação diante de impasses e novas indagações que emergem. Nota-se que os temas abordados são importantes e relevantes e exigem reflexões rigorosas, metodologias apropriadas e diálogo com áreas distintas, evidenciando a diversidade interna da bioética. Esta diversidade enriquece o debate, acumula experiências e possibilita rascunhar novos caminhos a ser percorrido frente a novos temas que surgem.



Abstract

Bioethics encompasses a broad diversity of internal perspectives, and this article emphasizes that much of this plurality stems from the wide range of issues it addresses. The aim is to analyze bioethics from its key questions. The main problems and challenges arise in a variety of historical and social contexts, including research involving human subjects, technical-scientific developments, conflicts in biomedical care, advances in biological research—particularly in genetics—, the exclusion of vulnerable individuals and groups from health and social care, and the unease provoked by impasses and emerging questions. The analysis highlights that these themes are relevant and demand appropriate reflection, suitable methodologies, and dialogue with different disciplines, thereby demonstrating the internal diversity of bioethics. This diversity enriches debate, fosters the accumulation of experience, and uncovers new pathways in response to emerging issues.



Key words

Bioética; diversidade; temas; desafios; propostas.
Bioethics; diversity; themes; challenges; proposals.



Fechas

Recebido: 28/05/2025. **Aprovado:** 13/02/2026



1. Introdução

A bioética acolhe e estabelece diálogo com uma diversidade de perspectivas internas. Pode-se afirmar que esta diversidade decorre do pluralismo das sociedades atuais, mas enfatiza-se neste artigo que boa parte da diversidade da bioética surge do fato de ela lidar com uma ampla gama de questões. A diversidade de questões e desafios estudada amplia consideravelmente a bioética, sempre a partir de elementos centrais que a caracterizam.

Desde que o neologismo “bioética” (Potter, 1971) fora proposto e aceito, nenhuma análise da área pode deixar de compreender e situar a ética e a vida como seu foco central, o que exige, por si mesmo, abordagem interdisciplinar. Portanto, reconhece-se o que vem sendo praticado: A bioética aborda desafios e questões relacionados com a vida, os quais exigem uma valoração, com método interdisciplinar, perspectiva pluralista e prospecção prática.

A bioética acolhe e estabelece diálogo com uma diversidade de perspectivas internas. Pode-se afirmar que esta diversidade decorre do pluralismo das sociedades atuais, mas enfatiza-se neste artigo que boa parte da diversidade da bioética surge do fato de ela lidar com uma ampla gama de questões

Esta percepção comum da bioética reúne os principais elementos que estão presentes nas suas diversas tendências: vida, valoração, interdisciplinaridade. Estes elementos são complexos, pois podem ser compreendidos de diferentes modos: *Vida* - pode ser vida biológica humana, vida biográfica, ou vida em geral, incluindo todos os seres vivos e os ecosistemas do planeta. Ao pesquisar a gênese do termo vida, encontra-se os termos *zoé* e *bíos*, de origem grega, e *vita* de origem latina: “O termo *vita* apresenta a vantagem cognitiva de destacar o que une todos os seres vivos” (Schramm, 2009, p. 380).

Valoração - pode ser feita no âmbito da moral, do direito, da deontologia e da ética. Não se pretende aqui entrar na discussão a respeito da diferença entre estes termos, mas apenas aceitar as indicações de Vásquez (1995) onde a moral é o conjunto de normas que é acatado livremente pelas pessoas, normas estas dotadas de carácter histórico e social. Por sua vez, o direito é o conjunto de normas estabelecido pelo Estado e a deontologia são as normas que se aplicam a uma determinada categoria profissional. A ética, no entanto, é a esfera onde se estabelece um amplo debate entre as normas estabelecidas e outros elementos da sociedade, assim a ética “é a teoria ou ciência do comportamento moral” (Vásquez, 1995, p. 12) dos seres humanos em sociedade.

Interdisciplinaridade - pode se dar em esferas mais amplas ou mais restritas. Dentre os diversos conceitos adota-se o que a visão da CAPES, órgão que avalia a pós-graduação interdisciplinar no Brasil:

Entende-se por Interdisciplinaridade a convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, não pertencentes à mesma classe, que contribua para o avanço das fronteiras da ciência e tecnologia, transfira métodos de uma área para outra, gerando novos conhecimentos ou disciplinas e faça surgir um novo profissional,



com um perfil distinto dos existentes, com formação básica sólida e integradora, capaz de compreender e solucionar os problemas cada vez mais complexos das sociedades modernas. (CAPES, AI, 2025)

Valorar pode ser compreendido como emitir juízo de valor, desde que se perceba que uma análise bioética não pretende estabelecer o certo e o errado, mas a partir de discernimento e deliberação ter a coragem de apontar caminhos e soluções que sejam mais prudentes, mais benéficos ou menos danosos. Esta é a fortaleza da bioética – assume posição prática e propõem cursos de ação; e também sua fraqueza – sabe que atua em campos de precariedade e provisoriedade.

Sabe-se que se apresenta é uma mirada situada e limitada que não esconde o local de onde se realiza a análise – um docente brasileiro que leciona e pesquisa em bioética há mais de 25 anos – que reconhece que outros olhares retrospectivos são possíveis

No que está sendo proposto, compreende-se que se um destes elementos – vida, valoração ou interdisciplinaridade – for excluído, corre-se o risco de descaracterizar a análise como sendo própria da bioética. Por isso, fala-se de bioética no singular, por compreender que estes elementos fundamentais estão presentes em todos que se dedicam a esta área do conhecimento. Por outro lado, reconhece-se que a sua diversidade interna decorre também da variedade de questões e desafios abordados. Destaca-se que o desenvolvimento da bioética – frente a uma vasta gama de questões – foi

exigindo leituras mais complexas e lançou mão de ferramentas de diferentes áreas do conhecimento, buscando consolidar consensos.

Deste modo, após mais de meio século de seu estabelecimento, é possível uma mirada retrospectiva em busca de compreender quais questões foram e são estudadas em bioética, e quais questões continuam abertas, sem respostas satisfatórias. Portanto, este artigo tem como objetivo analisar o desenvolvimento e a compreensão da bioética a partir das principais questões e desafios que ela aborda. O artigo defende que quem estuda bioética é desafiado(a) a articular sua abordagem pessoal – usualmente marcada por perspectivas teóricas ou temáticas específicas – mas precisa permanecer aberto(a) para uma ampla gama de outras possibilidades efetivas.

O artigo busca uma visão geral, como um ensaio, destacando que não foi realizada revisão de literatura exaustiva sobre todos os temas, mas destacou-se referências pertinentes de cada um. Trata-se, portanto, de recolher os fatos e movimentos que suscitaram as questões que passaram a ser analisadas no campo da bioética. Sabe-se que se apresenta é uma mirada situada e limitada que não esconde o local de onde se realiza a análise – um docente brasileiro que leciona e pesquisa em bioética há mais de 25 anos – que reconhece que outros olhares retrospectivos são possíveis.



2. A pesquisa com humanos: ponto de partida histórico

Historicamente, a bioética partiu da necessidade de um posicionamento adequado frente às crescentes experiências com seres humanos, esta motivação, crucial para a primeira metade do século XX, continua presente nos nossos dias (Torregrosa & Bejarano, 2025). A humanidade foi chamada a se posicionar e a indagação inicial pode assim ser formulada: é aceitável a ciência usar seres humanos em seus experimentos?

Historicamente, a bioética partiu da necessidade de um posicionamento adequado frente às crescentes experiências com seres humanos, esta motivação, crucial para a primeira metade do século XX, continua presente nos nossos dias

A pergunta era incômoda, pois as experiências já estavam em andamento. Se a opção for continuar realizando pesquisa com humanos, como distinguir as pesquisas que podem ou não ser continuadas? Compreendeu-se então que – além de se exigir que as pesquisas atendessem ao rigor científico inerente à cada área de ciência – é necessário também uma valoração de cada experimento, e esta valoração deveria ser realizada no âmbito geral da sociedade, não deixando que o estabelecimento de valor de uma pesquisa ficasse refém dos interesses de instituições e pesquisadores(as) envolvidos(as) na mesma.

Pode-se dizer que realizar experimentos e o desenvolvimento das ciências são questões correlacionadas e, portanto, não ocorreu apenas no século XX. No entanto, foi na primeira metade daquele século que a questão ocupou os noticiários, exigiu posicionamento da opinião pública e foi levada aos tribunais. Principalmente porque – no campo das ciências da saúde – exigiu-se experiências com seres humanos, cada vez em maior intensidade, buscando novos procedimentos ou novos fármacos. Nota-se dois cenários onde as experiências com seres humanos foram realizadas: um cenário pautado por instituições usuais de ciência em períodos de paz; outro cenário marcadamente bélico, que usou os pressupostos e argumentos forjados em contexto de guerra, para realizar experiências com humanos.

O estabelecimento do regime de exceção estabelecido em períodos de guerra – principalmente no caso do regime nazista na Alemanha, na segunda guerra mundial – possibilitou que cientistas pudessem levar as experiências científicas com seres humanos a patamares nunca antes imaginados. Tamanho foi o dano causado para inúmeras pessoas submetidas à torturantes experimentos científicos que, após a guerra, houve condenação de tais práticas. Evento central desta história é o Julgamento de Nuremberg (1945-1946) e assim, decorrente dele, o Código de Nuremberg (1947) se torna uma peça redigida neste contexto, mas que plantou um sonho: que experiências abusivas com seres humanos, sem o consentimento de cada pessoa envolvida, sem análise de riscos e benefícios, nunca mais se repitam.

Quando a comunidade internacional acompanhou os casos de Nuremberg, pairava uma sensação de que a resposta à questão estava dada. A Associação Médica Mundial se pronunciou também na mesma direção, na sua 18.^a Assembleia Geral, em Helsinque, Finlândia, em 1964, estabelecendo normas éticas para a pesquisa com seres humanos – nota-se que a chamada Declaração de Helsinque foi sendo corrigida em assembleias posteriores (AMM, 2013). No entanto, esta questão não



A preocupação com a ética em pesquisa precedeu à própria formulação da Bioética, com atuação de instituições e autores, antes do termo bioética ter sido lançado

estava ainda assegurada, pois à parte dos contextos de guerra, renomados órgãos e instituições mantiveram, ou deram início, a pesquisas totalmente à revelia das normas éticas estabelecidas. Destaca-se a denúncia ao experimento de Tuskegee realizada pela jornalista Jean Heller em 1972. Em reação a esta e outras denúncias (Goliszek, 2004) foi proposta uma Comissão Nacional pelo governo norte americano, em 1973, que produziu o Relatório Belmont (1978), estabelecendo princípios para serem seguidos em toda pesquisa com seres humanos.

A preocupação com a ética em pesquisa precedeu à própria formulação da Bioética, com atuação de instituições e autores, antes do termo bioética ter sido lançado. A resposta a esta questão foi sendo moldada por uma análise histórica que exigiu uma compreensão dinâmica do Movimento Eugênico (Kelves, 1985), do Código de Nuremberg, passando pela Declaração de Hensinque e Relatório Belmont. Estes movimentos impulsionarão as normas éticas para pesquisa com humanos em diversos países.

Pode-se dizer que a sociedade como um todo, incluindo a comunidade científica, passa por todos estes desafios com algumas proposições norteadoras, dentre elas: consentimento das pessoas, antes delas participarem de uma pesquisa; necessidade uma adequada análise de riscos e benefícios para cada novo experimento; a valoração das pesquisas não pode ser realizada apenas pelas instituições e pesquisadores(as) envolvidos(as).

3. Conhecimento científico sob suspeita

O avanço no conhecimento científico experimentado após a segunda grande guerra se tornou, por si mesmo, um outro desafio que exigiu análises e considerações. Vários autores enfatizaram a necessidade de uma abordagem mais ampla das ciências como um todo e a bioética também se empenhou nesta tarefa. A questão pode assim ser nomeada: o desenvolvimento técnico-científico, implementado e impulsionado por sua própria dinâmica interna e seus próprios pressupostos, será sempre benéfico e vantajoso para a sociedade, o meio ambiente e a vida no planeta? Deste modo, a bioética é criada para se tornar uma área que aprecia o desenvolvimento técnico-científico, mas mantém distância suficiente da ciência para emitir sobre ela um juízo de valor. Assim todas as ciências – das biológicas às humanas, das ciências da saúde às jurídicas e sociais – são chamadas a se avaliarem reciprocamente e a bioética se torna este campo onde a valoração das ciências ocorrem.

O contexto das sociedades ocidentais, no terceiro quartil do século XX, está envolto por um otimismo tecno-científico, por corridas armamentistas, exponencial crescimento populacional, de modo que vozes críticas se levantam apontando para a insustentabilidade do modelo de desenvolvimento adotado e incentivado. Estas vozes surgem em várias frentes, mas, dentre os autores que abordam estas questões na



bioética, dois deles – Rensselaer Potter e Hans Jonas – nas décadas de 1960-70, são indispensáveis para compreender como estas questões se tornaram inerentes à própria bioética nascente.

São autores contemporâneos entre si, Potter (1971), que está, como se sabe, na gênese do próprio neologismo “bioética”, que a sugere como uma área de diálogo entre as ciências e Jonas (1979), que olha o desenvolvimento tecnológico com uma certa angústia e tem medo de suas consequências, e desenvolve uma filosofia voltada para a compreensão da vida e o aprimoramento de princípios que clama por responsabilidade, não vislumbrando apenas o bem da geração atual, mas também das futuras.

A bioética nascente é parte deste movimento crítico que afirma não ser possível assumir uma valoração da vida aos pedaços e todos os seres vivos precisam ser contemplados nesta análise

A bioética nascente é parte deste movimento crítico que afirma não ser possível assumir uma valoração da vida aos pedaços e todos os seres vivos precisam ser contemplados nesta análise. Nota-se que os movimentos ecológicos se intensificam neste período e a Declaração de Estocolmo (ONU, 1972) aborda a questão ambiental. O pensamento de Potter, com sua preocupação pela sobrevivência humana, acalenta a questão ecológica como indispensável, propondo visões que valorizem a vida como um todo. Reconhece-se que nem todas as escolas de bioética enfatizaram a questão ambiental, mas é inegável que esta preocupação estava presente desde seu início. Efetivamente, o movimento ecológico cresceu à parte

da bioética, e a consolidação de uma bioética ambiental (Fischer et al., 2017) só se estabelece décadas depois, mas permanece atual, suscitando novas perspectivas (Rodríguez Baños, 2021).

Neste período dois grandes centros de estudos em bioética surgem: o Hasting Center em 1969 com Daniel Calhan e Willard Gaylin, e o Instituto Kenedy de Ética, na Universidade Georgetown em 1971 com André Hellegers. Estes centros reuniram vários pesquisadores, revelando que a relação entre ciência e ética era um tema emergente. É notável o papel destes centros no desenvolvimento da bioética, pra muito além destes temas iniciais.

Observa-se que o debate em bioética que busca valoração do desenvolvimento técnico-científico continua, os desafios nesta área se renovam à cada nova descoberta, no entanto, alguns pressupostos para enfrentar estes desafios estão colocados: a vida precisa ser valorada como um todo; o desenvolvimento técnico-científico não é neutro, pois é influenciado por relações de poder; nenhuma ciência dá conta da realidade sozinha, a cooperação entre as ciências é necessária; a humanidade possui uma riqueza de muitos saberes e todos precisam ser ouvidos. Deste modo, a interdisciplinaridade e abertura ao diálogo permanecem centrais na busca de uma epistemologia da bioética (Amo Usanos, 2025).



4. Lidando com conflitos na assistência em saúde

Paralelamente a estes movimentos anteriores um desafio mais prático é apresentado à bioética: resolver conflitos que surgem no âmbito da assistência em saúde. Os conflitos que profissionais de saúde se deparam no cotidiano remetem à própria origem das ciências da saúde, particularmente à própria origem da medicina. No entanto, há dois elementos: o desenvolvimento tecno-científico suscita novos conflitos; tais conflitos não podem ser devidamente analisados no âmbito interno de uma única ciência. Surge, portanto, uma nova questão: diante de casos concretos — quando as responsabilidades dos profissionais de saúde, os valores dos pacientes e familiares, as novas possibilidades terapêuticas e os interesses dos operadores de saúde entram em conflito — como tomar decisões? Aqui se assume a consciência de que é possível que determinados procedimentos em saúde possam ser valorados de modos distintos, quando se aplica a casos específicos. Cai por terra a ingenuidade de que um procedimento em saúde, sendo boa prática médica, seja necessariamente valorada positivamente por todas as pessoas envolvidas.

Paralelamente a estes movimentos anteriores um desafio mais prático é apresentado à bioética: resolver conflitos que surgem no âmbito da assistência em saúde

Aqui a bioética cresce em escala e presença nas instituições de saúde buscando articular metodologias para ajudar profissionais a tomar decisões cotidianas em situações de conflito. Gestada no interior do Instituto Kennedy de Ética, eclode a Escola Principlista de Bioética, com a obra *Princípios de Ética Biomédica* de Beauchamp e Childress (1979). Nesta obra, os princípios suscitados no contexto da ética em pesquisa, passam a ser ampliados e aplicados no âmbito da assistência em saúde, principalmente como ética biomédica. Foi este movimento que fez a bioética marcar presença nas instituições de saúde e se espalhar para outros países nas décadas de 1980-

1990. Os quatro princípios apresentados — autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça — passarão a estar presentes, adotados, aplaudidos ou criticados, em todas as outras escolas e tendências da bioética ao redor do globo: aplaudidos, pois propiciam tomadas de decisões práticas em situações de conflito; criticados, pois decisões rápidas e unânimes podem esconder e acobertar divergências e pluralismos.

Elenca-se, brevemente, algumas repercussões e desdobramentos da bioética — provocados pelo principlismo, mas que amplia o seu escopo — nas décadas seguintes: aprofunda-se a análise de conflitos em saúde com McCormick (1981); enfatiza-se a necessidade de formação virtuosa de profissionais, com Pellegrino e Tomasa (1993); apresenta-se a necessidade outros saberes para desenvolver e viabilizar decisões prudentes, com Diego Gracia (1989), na Espanha; surge uma bioética teológica com Javier Gafo (2003), também espanhola; a inspiração católica enfatiza a dignidade da pessoa humana, com Élio Sgreccia (1988), na Itália; resgata-se as relações humanizadas, com Pessini e Barchifontaine (2014), no Brasil. Por fim, o principlismo continua suscitando reflexões e debates (Rivera Sanín, 2023).

A questão como um todo, acolhe uma diversidade de posturas e metodologias, ousa-se, todavia, definir alguns elementos comuns: a realidade do paciente requer análise



contextualizada – caso a caso; o paciente é melhor compreendido nas suas relações pessoais, familiares e comunitárias; o respeito à autonomia da pessoa é um princípio basilar – embora não absoluto; profissionais da saúde têm como vocação não causar danos deliberados aos pacientes; cabe aos profissionais de saúde acolher e cuidar, não julgar ou culpabilizar o paciente por sua condição de saúde. Isto implica em busca de vivenciar a bioética na assistência em saúde cotidianamente (Silva et al., 2021).

5. A biologia entra em cena

No último quartil do Século XX, grandes projetos científicos foram desenvolvidos na área da biologia e a capacidade humana de interferência nos seres vivos foi elevada a um patamar nunca antes vislumbrado. E a sociedade suscita com força questionamentos frente à esta capacidade de intervenção sobre os seres vivos. Uma questão mais específica é formulada: tudo que é possível – técnica e cientificamente no campo da biologia molecular – é também desejável e prudente para a sociedade e a vida no planeta? Aqui suscita-se a diferença um “pode” que é ditado pela dinâmica interna da ciência e um “pode” que é ditado pelos valores e interesses da sociedade.

No último quartil do Século XX, grandes projetos científicos foram desenvolvidos na área da biologia e a capacidade humana de interferência nos seres vivos foi elevada a um patamar nunca antes vislumbrado

E os debates sociais se intensificam, pois os cientistas querem avançar em áreas da biologia, mas a sociedade proclama que há limites que não devem ser ultrapassados, e a bioética se apresenta como o campo de estudos onde este debate é acolhido e desenvolvido.

Deste modo assistiu-se movimentos poderosos, tanto no impacto sobre a vida, quanto no poder de mover a opinião pública: a) as técnicas de DNA recombinante (Cohen, 1972); b) o ressurgimento da sociobiologia (Wilson, 1975); c) as novas tecnologias reprodutivas a partir de 1978, com a primeira fertilização *in vitro*; d) o Projeto Genoma Humano com início em 1992, (IHGSC, 2001); e) a corrida pelas tentativas de clonagem – que levou à clonagem da ovelha Dolly em 1997; f) a intensificada busca por terapia celular em 1997 – que cobrava, na virada do milênio, a liberação de embriões humanos para pesquisa.

A bioética, neste momento, se consolida como um campo do conhecimento indispensável para a sociedade, por criar o ambiente para o debate interdisciplinar, dialogante e não dogmático. Todas estas questões podiam ser abordadas com a consciência que não se buscava juízos de valores simplistas ou dicotômicos, do tipo “tudo pode” ou “nada pode”. Todas estas novas realidades foram acolhidas com a busca de postura prática marcada pela prudência, ciente que era preciso avançar, mas com critérios, almejando o melhor caminho, ou, ao menos, o que causaria menor dano.

É impossível registrar todos os nomes da bioética que lidaram com estas questões, mas destaca-se Paul Ramsey (1970) que antecipa o tema e Daniel Callahan (1977) que envolve o Hasting Center no debate. No Brasil a opinião pública se mobiliza,



Mas algo se consolida: necessidade de uma visão mais global, propondo superação de reducionismos e determinismos; leituras de mundo que contemplam a vida como um todo, da atual e futuras gerações, passam a ser almeçadas e valorizadas

na primeira década do século atual, ao redor da Lei de Biossegurança com foco na discussão sobre o valor do embrião humano (Brasil, 2005).

A capacidade humana de intervenção biológica – principalmente no início da vida humana – ainda gera muita controvérsia e se tornou campo de difícil consenso. Novos desdobramentos, como a edição gênica, apontam para novas possibilidades marcadas também por recorrentes conflitos éticos (Santos, 2023). Mas algo se consolida: necessidade de uma visão mais global, propondo superação de reducionismos e determinismos; leituras de mundo que contemplam a vida como um todo, da atual e futuras gerações, passam a ser almeçadas e valorizadas.

6. É necessário valorar a inequidade?

A bioética, inicialmente norte-americana, passa a vislumbrar os conflitos em saúde em contextos sociais distintos e vozes críticas surgem explicitando claramente que há injustiças na sociedade e os frutos do desenvolvimento da ciência – com ênfase nos serviços de assistência em saúde – não são compartilhados equanimemente entre as pessoas. A questão é situada em um patamar distinto: é aceitável que pessoas e grupos vulneráveis sejam sistematicamente excluídas da assistência sanitária e social? Assim a bioética perde a sua aparente inocência e é convocada a se posicionar politicamente: a má distribuição de recursos em saúde não requer esforço interdisciplinar para ser compreendida, mas para ser denunciada, pois é indigna e injusta.

Reconhece-se que esta perspectiva da bioética é impactada por movimentos sociais que a antecederam, principalmente na América Latina, tais como: movimentos que denunciavam as injustiças sociais e se articulavam como libertários (Gutiérrez, 1971) e sanitaristas (CNS, 1986). Neste novo contexto, a ênfase deixa de ser “a melhor tomada de decisão no contexto de novas tecnologias em saúde” e passa a ser “como incluir as pessoas vulneráveis nos serviços de saúde disponíveis”.

Neste contexto, a bioética se apresenta como uma ferramenta para desvendar os mecanismos que levam a sociedade à perpetuação de situações injustas e passa a desenhar processos que permitam intervir para mudar a realidade. Aqui a bioética se aproxima de escolas e autores que desenvolveram perspectivas de crítica histórica e social e pode-se situar o Congresso Internacional de Bioética em Brasília, no Brasil, em 2003, como o marco deste movimento (Garrafa & Pessini, 2003). Evidentemente que a perspectiva da bioética social não é exclusivamente latino-americana (Torralla, 2016) e se está presente nas articulações por uma bioética global.

Neste contexto certas realidades sociais são desveladas e passam a fazer parte dos estudos em bioética, tais como as discriminações étnico-raciais, de gênero, de classe, e religião. Lança-se mão de críticas históricas e sociais, apontando-se para os processos de dominações políticas e imposições culturais. Pode-se dizer que



surge uma bioética Latino Americana, onde assume-se a consciência de que grande parcela da população se encontra vulnerabilizada e precisa de proteção, com Schram (2003) e que certas realidades injustas precisam de intervenção, com Garrafa e Porto (2003). A ênfase deixa de ser uma resposta a conflitos caso a caso e passa-se para o enfrentamento coletivo da realidade, principalmente no âmbito da proposição e revisão de políticas públicas. Nota-se que esta perspectiva encontra eco internacionalmente, aproximando a bioética dos direitos humanos, com um marco importante de destaque na Declaração de Bioética e Direitos Humanos da UNESCO (2005).

Neste contexto certas realidades sociais são desveladas e passam a fazer parte dos estudos em bioética, tais como as discriminações étnico-raciais, de gênero, de classe, e religião

Frente à esta problemática a bioética experimenta, internamente, as mesmas divisões que se encontram na sociedade: a diversidade de opções político-partidárias. Mesmo assim há esforços comuns: instaura-se na área um imperativo ético prioritário que busca promover o cuidado de pessoas e grupos mais vulneráveis (Mascarenhas et al., 2024); enfatiza-se políticas públicas inclusivas (Penchaszadeh, 2018); aposta-se na

formação crítica de profissionais que atuam em contextos sanitários dinâmicos (López-Tarrida, 2025); abre-se para uma compreensão ecológica fundamenta uma visão crítica do conceito de saúde global (Junges, 2023) e destaca a necessidade de uma postura crítica (Cunha, 2023).

7. E quando algumas questões não aceitam a explicação dada?

Aproximando-se dos quadros de mazelas que impactam a vida, a bioética, já reorientada para ação, proteção e intervenção, busca desvendar os mecanismos históricos que perpetuaram tais mazelas e vulnerabilidades. Em muitos momentos as perspectivas críticas da história ajudam, mas em determinadas frentes se observa que os parâmetros de análises – por serem excessivamente ocidentais – se tornam reféns de leituras de curto prazo, denunciam apenas os vícios e trapaças forjadas em uma rede de pensamento assaz recente, como se a realidade humana e social pudesse ser plenamente compreendida a partir do racional cultural dos últimos 2500 anos, sob a égide das influências greco-romana e judaico-cristã. A bioética precisa ser despertada e retirada da ilusão – excessivamente bairrista – de que o pensamento ocidental explica tudo, como se nas dezenas de milhares de anos que a humanidade viveu antes dos gregos, não houvesse racionalidade; como se antes dos romanos não houvessem normas; antes da bíblia não houvesse religião; e antes do método cartesiano não houvesse ciência.

Aqui há um caminho a percorrer, e a bioética é convocada a reconhecer o óbvio, pois – por mais arrogante que o ocidente se apresente – mais da metade das pessoas do planeta vivem em sociedades que surgiram e floresceram fora de sua tutela. Deste modo, urge aceitar, que inúmeras são as questões e desafios que não podem ser compreendidos adequadamente apenas sob o rigor lógico, racional e pragmático da chamada cultura ocidental.



A bioética clama por decisões práticas, e o chamado a retroceder está motivado por questões que requerem posicionamentos que não se subordinam à uma análise crítica e interdisciplinar no âmbito da cultura ocidental

As sociedades atuais foram formatadas a partir de características pré-históricas, elas foram forjadas ao longo de várias dezenas de milhares de anos que esculpiu o humano na necessidade de cooperar para sobreviver e ao mesmo tempo controlar, submeter e eliminar toda ameaça. Assim, urge compreender que as diversidades sociais, culturais (Miji Viagem, 2025), religiosas – visíveis nos nossos dias – escodem pluralismos mais profundos de visões de mundo que moldaram as mentes e os corpos humanos por dezenas de milhares de anos.

A bioética clama por decisões práticas, e o chamado a retroceder está motivado por questões que requerem posicionamentos que não se subordinam à uma análise crítica e interdisciplinar no âmbito da cultura ocidental. E a indagação surge: quando, de fato, a bioética se tornará efetivamente intercultural? Ou ainda, quando a bioética reconhecerá que as abordagens ocidentais, mesmo as mais críticas, não dão conta de compreender determinados fenômenos? Sem este recuo cauteloso o que se

consegue são respostas rápidas – que ocultam, mais do que explicam – questões que continuam causando dores agudas: desigualdade de gênero, estratificação social, desprezo pela vida do feto, abuso de crianças, desrespeito à diversidade de gênero, exclusão do pobre, não valorização de terapias alternativas. Estas e outras questões – presentes no cotidiano de quem lida com assistência em saúde – carecem de explicações e medidas prudentes, ali esgotam os argumentos, mas as chagas persistem e a dor permanece.

8. Considerações finais

As questões e desafios apresentados acima, permitem uma mirada global e leva a um necessário reconhecimento de que nenhum ator, no cenário da bioética, dá conta satisfatoriamente de toda a gama de questões que ela é chamada a enfrentar. No entanto, esta visão ampla é necessária para que estudiosos(as) se posicionem com humildade, pois em outro quadrante – próximo ou distante – pode existir outra pessoa, igualmente estudiosa da bioética, que lida com outros temas, outros autores(as) e outras perspectivas. Nota-se que os temas abordados, todos eles, são importantes e relevantes e exigem reflexões pertinentes, metodologias apropriadas e dialoga com áreas distintas.

Uma visão global exige que bioeticistas se tornem pessoas prudentes e humildes. A psicologia, que pode ser menos relevante para análise de transgênicos, é indispensável no enfrentamento dos desafios de fim de vida. O direito que ajuda, ao estabelecer os mínimos éticos, pode se tornar opressivo para minorias étnicas. Enfatiza-se que dados de ciências são indispensáveis para a análise de casos clínicos, mas talvez sejam secundários quando se aborda conflitos que surjam no contexto religioso ou cultural. Críticas históricas da sociedade ocidental podem ser relevantes para enfrentar o racismo, mas se mostram insuficientes para compreender o abuso sexual de crianças.



Chamar o paciente pelo nome pode ser uma regra de humanização em tempo de paz, mas pode ser uma sentença de morte em contextos de guerras étnicas.

Os grandes temas aqui abordados, surgiram em determinados contextos históricos e sociais, mas foram desenvolvidos, adaptados e se tornaram permanentes. A preocupação com a pesquisa ocupa centenas de milhares de pessoas que rotineiramente se reúnem em Comitês de Ética em Pesquisa nos dias atuais em muitos países – só no Brasil sabe-se que há cerca de 900 comitês ativos, com mais de 10.000 membros. O cuidado com os animais não humanos envolve também outro grande número de pessoas que analisam criteriosamente o uso de animais para fins acadêmicos e pesquisa.

Os grandes temas aqui abordados, surgiram em determinados contextos históricos e sociais, mas foram desenvolvidos, adaptados e se tornaram permanentes

Atualmente, a interdisciplinaridade é mais reconhecida do que nos primórdios da bioética. Só no Brasil, a área do governo que avalia programas de pós-graduação interdisciplinares reúne cerca de 400 programas. Sabe-se que a bioética não está presente em todas estas pesquisas e ações na sociedade, mas poderia ajudar e tem referencial teórico para isto.

A diversidade interna da bioética a todos enriquece. Quem atua em hospitais continua lançando mão da bioética principialista para tomar decisões em casos concretos, mas aprendeu que muitos conflitos que se aparecem dentro das unidades de saúde, tem sua origem fora delas, na precarização de assistência e políticas públicas. Quem luta por melhores políticas públicas não pode prescindir de respeitar os valores pessoais e a dignidade de cada indivíduo, que não quer ser apenas mais um número nas estatísticas. Quem atua com saúde humana se depara com evidências de que a mesma está relacionada com a saúde de outros animais e do meio ambiente. Quem defende os direitos dos animais sabe que só será eficiente se estabelecer pontes de diálogo com toda a sociedade.

Por fim, a bioética – no panteão dos saberes – é ainda adolescente, mas já tem estrutura suficiente para amadurecer. Há novos temas sendo colocados em pauta à espera que novos atores se posicionem com prudência e razoabilidade. Olhando retrospectivamente pode-se rascunhar novos caminhos a ser percorrido frente aos novos temas: que nenhum bem coletivo venha a ser proposto sacrificando pessoas ou grupos minoritários; que nenhuma tecnologia ou conhecimento seja imposto, sem ampla participação e controle social; que nenhuma ciência ou campo do saber se apresente como hegemônico, mas complementar; que todos os seres humanos se vejam como parte integrante do meio ambiente – e respeite toda a vida ao seu redor; que as leituras autoritárias de mundo sejam superadas; que os pobres e vulneráveis sejam incluídos; que ninguém perca de vista a consciência da fragilidade da vida na terra.



Referências

- Amo Usanos, R. (2025). Estatuto epistemológico da bioética: estado da questão e uma proposta. *Revista Bioética*, 33. <https://doi.org/10.1590/1983-803420253918PT>
- Associação Médica Mundial. [AMM]. (2013, outubro). Declaração de Helsinque da Associação Médica Mundial. <https://www.wma.net/declarac%CC%A7a%CC%83o-de-helsinque/>
- Beauchamp, T. L., & Childress, J. F. (2002). *Princípios de ética biomédica*. Ed. Loyola.
- Brasil. (2005). Lei n.º 11.105. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11105.htm
- Callahan, D. (1977). Recombinant DNA: science and the public. Em T. A. Shannon (ed.), *Genetic engineering: a documentary history*. Greenwood Press.
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Diretoria de Avaliação (DAV). (2025). *Documento de Área Interdisciplinar*. Ministério da Educação (MEC).
- Cohen, S. N. (1999). Recombinant DNA: fact and fiction. Em T. A. Shannon (ed.), *Genetic engineering: a documentary history*. Greenwood Press.
- Conferência Nacional de Saúde. [CNS]. (1986). 8.ª Conferência Nacional de Saúde. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/assuntos/conferencias/8a-cns>
- Cunha, T. R. (2023). Entre a Deliberação e a Dialética: Desdobramentos da Bioética Crítica como ética aplicada. *Revista Instante*, 5(2), 110-128. <https://doi.org/10.29327/2194248.5.2-6>
- Fischer, M. L., Cunha, T. R., Renk, V. E., Sganzerla, A., & Santos, J. Z. (2017). Da ética ambiental à bioética ambiental: antecedentes, trajetórias e perspectivas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 24(2). <https://doi.org/10.1590/S0104-59702017000200005>
- Gafo, J. (2003). *Bioética Teológica* (3.ª ed.). Universidad Pontificia Comillas - Desclée de Brouwer.
- Garrafa, V., & Pessini, L. (2003). *Bioética: Poder e Injustiça*. Ed. Loyola.
- Garrafa, V., & Porto, D. (2003). Intervention bioethics: a proposal for peripheral countries in a context of power and injustice. *Bioethics*, 17(5-6), 399-416. <https://doi.org/10.1111/1467-8519.00356>
- Goliszek, A. (2004). *Cobaias Humanas: a história secreta do sofrimento provocado em nome da ciência*. Ediouro.
- Gracia, D. (1989). *Fundamentos de Bioética*. Eudema.
- Gutiérrez, G. (1971). *Teología de la liberación: perspectivas* (14.ª ed.). Centro de Estudios y Publicaciones.
- International Human Genome Sequencing Consortium. [IHGSC]. (2001). Initial sequencing and analysis of the human genome. *Nature* (409), 860-921. <https://doi.org/10.1038/35057062>
- Jonas, H. (1979). *The imperative of responsibility, in Search of an ethics for technological age*. University of Chicago Press.
- Junges, J. R. (2023). Ecologia crítica e Saúde Global. *Revista Iberoamericana de Bioética*, (23), 01-13. <https://doi.org/10.14422/rib.i23.y2023.001>
- Kelves, D. J. (1985). *In the name of eugenics: genetics and the uses of human heredity*. Alfred A. Knopf.
- López-Tarrida, A. (2025). La brújula ética en la formación médica. Forjando agentes morales en un entorno sanitario dinámico. *Revista Iberoamericana de Bioética*, (27), 01-18. <https://doi.org/10.14422/rib.i27.y2025.006>



- Mascarenhas, A. P. F., Oliveira, A. C. L. C., Carvalho, C. J. G., Ramos, J. A., Lima, N. M. F. V., Valença, C. N., & Távora, R. C. O. (2024). Bioética e vulnerabilidade social da pessoa idosa no contexto da pandemia COVID-19: um ensaio teórico. *Revista Iberoamericana de Bioética*, (24), 01-13. <https://doi.org/10.14422/rib.i24.y2024.006>
- McCormick, R. A. (1981). *How Brave a New World: Dilemmas in Bioethics*. Doubleday.
- Miji Viagem, L. C. (2025). Cuestiones éticas en la relación asistencial multicultural: un desafío para los profesionales sanitarios. *Revista Iberoamericana de Bioética*, (27), 01-15. <https://doi.org/10.14422/rib.i27.y2025.002>
- Organização das Nações Unidas. [ONU]. (1972) - Declaração de Estocolmo - Sobre o Meio Ambiente Humano. https://www.suape.pe.gov.br/images/publicacoes/legislacao/1._1972_Declaracao_Estocolmo.pdf
- Pellegrino, E. D., & Thomasma, D. C. (1993). *The Virtues in Medical Practice*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780195082890.001.0001>
- Penchaszadeh, V. (2018). Bioética y salud pública. *Revista Iberoamericana de Bioética*, (7), 1-15. <https://doi.org/10.14422/rib.i07.y2018.004>
- Pessini, L., & Barchifontaine, C. P. (2014). *Bioética, cuidado e humanização*. Ed. Loyola.
- Potter, V. R. (1971). *Bioethics: Bridge to the future*. Prentice-Hall.
- Ramsey, P. (1970). *Fabricated man: the ethics of genetic control*. Yale University Press.
- Rivera Sanín, M. L. (2023). Un recorrido analítico de los fundamentos filosóficos del principialismo norteamericano. *Revista Latinoamericana de Bioética*, 23(2), 41-58. <https://doi.org/10.18359/rlbi.6142>
- Rodríguez Baños, J. (2021). Un puente hacia el enfoque de One Health: Redescubriendo la bioética ambiental. *Revista Iberoamericana de Bioética*, (17), 01-13. <https://doi.org/10.14422/rib.i17.y2021.005>
- Sanches, M. A. (2013). *Reprodução assistida e bioética: Metaparentalidade*. Editora Ave-Maria.
- Schramm, F. R. (2003). A Bioética da Proteção em Saúde Pública. Em P. Fortes & E. Zoboli (orgs.), *Bioética e Saúde Pública*. Ed. Loyola.
- Schramm, F. R. (2009). O uso problemático do conceito vida em bioética e suas interfaces com a práxis biopolítica e os dispositivos de biopoder. *Revista Bioética*, 17(3), 377-389. https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/505
- Sgreccia, E. (2014). *Manual de Bioética I: Fundamentos e ética biomédica* (Orlando Soares Moreira, trad., 4.ª ed.). Ed. Loyola.
- Silva, L. S., Nitschke, R. G., Verdi, M. I. M., Tholl, A. D., Lanza, F. M., Oliveira, P. P. de, & Viegas, S. M. da F. (2021). Being ethical and bioethical in daily life of primary health care: nurses' perceptions. *REBEn - Revista Brasileira de Enfermagem*, 75(3), e20210093. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0093>
- Souza Santos, M. de F. de, Harmes Eskinazi, R., Apostolidis, T., & Dany, L. (2023). Gene editing of the human embryo: tensions and controversies among scientists. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 40. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202340e210091>
- The National Commission for the Protection of Human Subjects of Biomedical and Behavioral Research. The Belmont Report (1979). https://archive.org/details/the-belmont-report-508c_FINAL/mode/2up
- Torralba, F. (2016). Grandes desafíos de la bioética. Escenarios de futuro. *Revista Iberoamericana de Bioética*, (1), 1-12. <https://doi.org/10.14422/rib.i01.y2016.002>



- Torregrosa, T., & Bejarano, M. (2025). Retos éticos en investigación para cirujanos. *Revista Colombiana de Cirugía*, 40(6). <https://doi.org/10.30944/20117582.3106>
- UNESCO. (2005). Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000146180_por
- Vázquez, A. S. (1995). *Ética* (15.ª ed.). Civilização Brasileira.
- Wilson, E. (1975). *Sociobiology: the new Synthesis*. Harvard University Press.